

4 De “literacy” a “letramento”

“Literacy”: alfabetismo, letramento

A história da palavra “letramento” em nosso país, nos sentidos relacionados com o tema deste livro, inicia-se, como vimos, somente na década de 1980, quando foi introduzida em estudos e pesquisas acadêmicos, sob influência do inglês “literacy”, que, até a década de 1990, era traduzido por “alfabetização”, e, mais recentemente, também por “alfabetismo”.

A palavra em inglês, *literacy*, deriva do latim *litteratus*, que, à época de Cícero, significava “um erudito”. No início da Idade Média, o *litteratus* (em oposição ao *illitteratus*) era uma pessoa que sabia ler em latim. Depois de 1300, devido ao declínio deste tipo de erudição na Europa, o termo passou a significar uma capacidade mínima em latim. Após a Reforma, *literacy* passou a significar a capacidade que uma pessoa tinha de ler e escrever em sua língua-mãe. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o substantivo *literacy* apareceu pela primeira vez na língua inglesa no começo da década

de 1880, formado a partir do adjetivo *literate*, que, na metade do século XV, já ocorria na escrita da língua inglesa.

Em seu uso corrente, o termo pressupõe uma interação entre exigências sociais e competências individuais. Assim, os níveis de [letramento] necessários ao funcionamento social podem variar e, de fato, têm variado de uma cultura para outra e, dentro da mesma cultura, de uma época para outra.⁴³

É importante lembrar que questões e preocupações como as que provocaram a introdução do termo no Brasil também se manifestaram em alguns dos países mais desenvolvidos, quando aumentaram as necessidades específicas de saber ler e escrever, à medida que foi sendo resolvido o problema do analfabetismo e se universalizou a educação básica.

Também no Brasil, em que pesem as muitas diferenças em relação a esses países mais desenvolvidos, a necessidade de ampliar o conceito de alfabetização somente começou a se tornar possível quando novos fatos, como a condição de alfabetizado e a extensão da escolarização básica, começaram a se tornar visíveis, gerando novas ideias e novas maneiras de compreender os fenômenos envolvidos.

E, embora os critérios recomendados pela Unesco para a realização dos censos continuem se baseando em um sentido ainda limitado da alfabetização (como vimos em relação ao censo de 2001), estudos dessa organização internacional vêm indicando a preferência por se utilizar o termo no plural, associando-o a novos fenômenos. Isto vêm impondo mudanças e ampliações em seus sentidos,

43 VENEZKY, Richard L. In: HARRIS, Theodore L.; HODGES, Richard E. *Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 153. A fim de evitar equívocos, pelas razões já apontadas no Capítulo 2, na transcrição dessa citação substituí "lectoescrita" por "letramento".

em referência às práticas sociais de comunicação, e enfocando cada vez mais intensamente as práticas, os usos e os contextos de transmissão da alfabetização, nos âmbitos individual e social, assim como seus múltiplos objetivos e diferentes maneiras para sua aquisição.

[...] Em meio a esses fatos novos, dois conceitos fundamentais já se tornaram claros. Em primeiro lugar, a alfabetização, em si, é ambígua, nem positiva nem negativa, e seu valor depende da maneira como ela é adquirida ou transmitida e do modo como ela é usada. Ela pode ser um fator de liberação ou, na linguagem de Paulo Freire, de domesticação. Nesse particular, a alfabetização se vê na mesma situação que a educação em geral, quanto a seu papel e a sua finalidade. Em segundo lugar, a alfabetização se vincula a um vasto espectro de práticas sociais de comunicação, só podendo ser tratada paralelamente aos demais meios de comunicação, como rádio, televisão, computadores, mensagens de texto em telefones celulares, imagens visuais etc. O desenvolvimento maciço das comunicações eletrônicas não substituiu a alfabetização impressa, embora forneça um novo contexto para ela [...].⁴⁴

E ainda, segundo o representante da Unesco no Brasil, Jorge Werthein, vem-se gradativamente substituindo "alfabetização" por "alfabetismo", na busca tanto de melhor tradução para "*literacy*" quanto de ampliação do conceito de alfabetização; as múltiplas significações de "alfabetismo", por sua vez, também conduzem à pluralidade dessa noção, assim como da de "analfabetismo".⁴⁵

44 Unesco. Alfabetização. A perspectiva da Unesco, In: Unesco. op. cit., p. 33 apud WASELFSZ, Julio Jacobo. op. cit., p. 38-9.

45 WERTHEIN, Jorge. Alfabetismos ou analfabetismos. In: *Construção e identidade: as ideias da Unesco no Brasil*. Brasília: Unesco, 2002, p. 39-40. Apud WASELFSZ, Julio Jacobo, idem p. 37.

Letramento no Brasil: o conhecimento em construção

Hoje, em nosso país, como vimos até aqui, a palavra “alfabetização” ainda continua sendo de uso corrente, ressaltando-se o esforço de um conceito ampliado e diferenciado, sobretudo de acordo com as perspectivas construtivista e interacionista.

Mas, para designar a nova necessidade, vem-se utilizando “alfabetismo” ou “letramento”, o qual já se encontra em um dicionário geral da língua portuguesa com significados “novos” definidos, ainda que de maneira abrangente, e em dois dicionários técnicos de linguística. Aspectos desses seus significados vêm, também, sendo abordados em critérios utilizados, por exemplo, nas avaliações de sistemas de ensino e de estudantes, em documentos oficiais para a educação básica, em livros didáticos, e, mais diretamente, nos textos acadêmicos.

Além da oscilação terminológica, a própria definição do termo “letramento” tem sido marcada por certa fluidez e imprecisão, o que talvez se possa explicar por sua recente introdução, pelas variadas formas de se caracterizarem as novas demandas sociais pelo uso da leitura e escrita e, também, pela ainda pouca produção acadêmica brasileira sobre o tema — comparativamente à de países desenvolvidos —, mas que vem aumentando sensivelmente e evidenciando sua fecundidade teórica e prática.

Como exemplos dos usos possíveis do termo “letramento” — no sentido estritamente relacionado com a leitura e escrita⁴⁶ — e dos problemas relacionados com a

⁴⁶ Como vimos, vêm-se ampliando os usos de letramento: “letramento em matemática”, “letramento em computação” etc.

análise do fenômeno, são apresentadas a seguir, em ordem cronológica de publicação dos textos e agrupadas por autor, as definições e considerações propostas por alguns pesquisadores brasileiros considerados representativos, devido à influência que exercem nos estudos sobre letramento e sua aplicação em diferentes situações e contextos, com diferentes finalidades e resultados.

Essa influência pode ser verificada especialmente nas recorrentes citações desses trabalhos, sendo que muitas vezes citam-se uns aos outros com destaque para alguns mais citados que outros (alguns também são citados nos PCNs e em um dos dicionários técnicos, como já vimos), indicando, assim, a tendência a se consolidarem certos usos e definições do termo “letramento”, dando sustentação a seu estudo e aplicação. Por essas razões — é importante advertir — não foram incluídos na apresentação a seguir todos os textos e autores brasileiros que tratam do tema, nem escolhidos os supostamente “melhores”.

Como vimos, o termo “letramento” parece ter sido utilizado pela primeira vez por Mary Kato, na apresentação de seu livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986, cujo objetivo é salientar aspectos de ordem psicolinguística que estão envolvidos na aprendizagem da linguagem, no que se refere à aprendizagem escolar por parte de crianças. A autora explica, então, seu pressuposto, que contém uma definição indireta de letramento relacionado com a função da escola de formar “cidadãos funcionalmente letrados”, do ponto de vista tanto do crescimento cognitivo individual quanto do atendimento a demandas de uma sociedade que prestigia a língua padrão ou a norma culta da língua.

[...] a função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação.

Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.⁴⁷

Na introdução de seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, de 1988, a fim de evidenciar as relações entre escrita, alfabetização e letramento, Leda V. Tfouni estabelece um sentido para o termo “letramento” centrado nas práticas sociais de leitura e escrita e nas mudanças por elas geradas em uma sociedade, quando esta se torna letrada. Assim, visando a estudar a linguagem de adultos não alfabetizados, de acordo com uma abordagem central de caráter psicolinguístico, a autora situa letramento no âmbito do social e indicando algo mais que alfabetização, que situa no âmbito individual.

Apesar de estarem indissolavelmente e inevitavelmente ligados entre si, escrita, alfabetização e letramento nem sempre têm sido enfocados como um conjunto pelos estudiosos. [...]

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual.

47 KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986. p. 7.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo.⁴⁸

A partir dessa distinção, a autora explicita alguns aspectos do desenvolvimento cognitivo de um grupo de adultos brasileiros não alfabetizados, resultantes da investigação a respeito de como esses sujeitos usam a linguagem diante da tarefa específica de compreensão de raciocínios lógico-verbais. Conclui que o letramento é questão complexa em sociedades letradas e que, no âmbito das relações entre pensamento e linguagem, não há total identificação entre analfabeto e iletrado.

Essas reflexões são retomadas em outro livro da autora, *Letramento e alfabetização*, publicado em 1995, em cujo prólogo ela explica que foi levada a utilizar o neologismo “letramento” devido à constatação da “[...] falta, em nossa língua, de uma palavra que pudesse ser usada para designar esse processo de estar exposto aos usos sociais da escrita, sem, no entanto, saber ler nem escrever”.⁴⁹

Também em 1995, ocorre a publicação do livro *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, organizado por Ângela Kleiman, no qual diferentes aspectos do letramento são abordados pelos autores dos artigos.

No texto introdutório “Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”, Kleiman explica que, embora a palavra “letramento” à época ainda não estivesse di-

48 TFOUNI, Leda V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988. p. 9. Grifos da autora.

49 TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 7-8.

cionarizada, o conceito correspondente começou a ser utilizado nos meios acadêmicos para separar estudos sobre o “impacto social da escrita” e estudos sobre alfabetização. Apresenta uma definição de letramento como sendo as práticas sociais de leitura e escrita, e analisa duas concepções dominantes de letramento, relacionando-as com a situação de ensino e com a aprendizagem da língua escrita por parte tanto de crianças quanto de adolescentes e adultos.

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas *um* tipo de prática — de fato, dominante — que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.⁵⁰

Kleiman propõe-se, ainda, a familiarizar o leitor com duas concepções de letramento centradas no “modelo autônomo” e no “modelo ideológico”, de que decorrem considerações sobre as práticas de letramento na escola e sobre as relações entre letramento e alfabetização de adultos.

No artigo “Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectiva”, publicado em 1995 na *Revista brasileira de educação*, Magda Soares tematiza o “alfabetismo”, termo que utiliza com o mesmo sentido de “*literacy*”

50 KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61, 19 (Letramento, educação e sociedade).

que vimos anteriormente. Em nota, a autora explica que a palavra “letramento”, à época introduzida recentemente na bibliografia educacional brasileira, parecia-lhe um “neologismo [...] desnecessário, já que a palavra vernácula *alfabetismo* [...] tem o mesmo sentido de *literacy*.”⁵¹

A autora não apresenta uma definição propriamente dita de “alfabetismo”, mas enfatiza a multiplicidade de facetas do fenômeno, a variedade de suas dimensões e a diversidade de relações com a sociedade e a cultura, o que demanda que seu estudo seja multidisciplinar, e se detém na análise das dimensões individual e social do alfabetismo e na apresentação das diferentes perspectivas para sua análise.

Esse artigo foi também publicado, em 2003, na coletânea *Alfabetização e letramento*, em que Soares propõe uma “releitura” deste e de outros artigos seus sobre o tema publicados entre 1985 e 1998. Não há alterações no texto do artigo, mas, em quadro à margem, a autora explica que, após 1995, passou a utilizar o termo “letramento”, que foi progressivamente tendo a preferência de estudiosos do tema.

Em 1998, tem-se a publicação de *Letramento: um tema em três gêneros*, também de Magda Soares. Nesse livro, estão reunidos três diferentes textos produzidos na década de 1990 com diferentes finalidades: o primeiro é um verbete publicado em 1996, em seção específica de periódico brasileiro; o segundo, um texto didático divulgado entre professores de Belo Horizonte/MG; e o terceiro, uma tradução do ensaio publicado em inglês, em 1992, por solicitação da Seção de Estatística da Unesco, em Paris.

51 SOARES, Magda. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. *Revista brasileira de educação*, ANPed, n. 0, p. 5-16, set/out/nov/dez 1995.

Esses textos têm sido especialmente utilizados como uma referência constante nos estudos posteriores a eles, pois contêm uma vigorosa reflexão sobre o tema, uma proposta de definição do termo e uma síntese sistematizadora do conceito de letramento. A definição da autora é assim sintetizada, no segundo texto do livro:

Letramento

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita

O *estado* ou *condição* que adquire

um grupo social
ou um indivíduo

como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.⁵²

No ensaio contido nesse livro, além de enfatizar a natureza complexa e multifacetada do fenômeno do letramento e as dificuldades para sua definição, Soares também apresenta e discute as dimensões individual e social do letramento e os problemas envolvidos em sua avaliação e medição em contextos escolares, censos nacionais e pesquisas por amostragem.

No artigo “Novas práticas de leitura e escrita: letramento e cibercultura”, constante do Dossiê Letramento, publicado na revista *Educação & Sociedade*, de dezembro de 2002, Soares volta ao tema, desta vez relacionan-

do-o com tecnologias digitais de leitura e escrita, enfatizando a imprecisão ainda observada na definição do termo e concluindo que se trata de fenômeno e conceito plurais. Mas a autora explicita o conceito de letramento que vem fundamentando suas reflexões e propostas, acrescentando que, de acordo com essa concepção, “letramento” significa o contrário de “analfabetismo”.

Ainda de Soares, há o artigo “Letramento e escolarização”, publicado no livro *Letramento no Brasil*, de 2003, o qual será comentado mais adiante. Nesse artigo, a autora destaca as relações entre alfabetização, letramento e escolarização e entre letramento escolar e letramento social, a partir da análise das dimensões social e individual do letramento e dos eventos e práticas de letramento.

No livro *Alfabetismo e atitudes*, de 1999, Vera Masagão Ribeiro explica, em nota de rodapé, a opção por utilizar o termo “alfabetismo” em vez de “letramento”. Nesse livro, resultante de sua tese de doutorado e que tem o apoio da organização não governamental Ação Educativa, Ribeiro discute o alfabetismo valendo-se de pesquisa realizada com jovens e adultos, e aponta decorrências referentes a políticas educacionais e práticas pedagógicas.

Neste estudo, o termo alfabetismo é utilizado com o mesmo sentido do termo em inglês *literacy*, designando a condição de pessoas ou grupos que não apenas sabem ler e escrever mas também, como propõe Magda Becker Soares, utilizam a leitura e a escrita, incorporando-as em seu viver, transformando por isso sua condição (Soares, 1995). Apesar de alguns autores brasileiros utilizarem o neologismo “letramento” com o mesmo sentido, preferiu-se, aqui, empregar o termo alfabetismo, tal como sugere a autora acima referida, por ser um termo já dicionarizado e também por guardar a

52 SOARES, Magda. *O que é letramento e alfabetização*, op. cit., p. 27-60, 39. Grifos da autora.

mesma raiz de “alfabetização”, relativo ao ato de ensinar ou disseminar o ensino da leitura e da escrita.⁵³

A autora também aponta a complexidade do fenômeno do alfabetismo e constata que, apesar dos diferentes pontos de vista adotados, os pesquisadores estrangeiros reafirmam “[...] a relevância do alfabetismo na história da cultura, na organização da sociedade ou no comportamento dos indivíduos”. Dentre os problemas decorrentes do fenômeno do alfabetismo, a autora destaca três, que considera pontos críticos: suas dimensões social e individual; sua relação com a escolarização; e relações entre alfabetismo e as características psicológicas de indivíduos ou grupos.

No livro *Letramento no Brasil*, de 2003, organizado por Vera Masagão Ribeiro, vários autores analisam e discutem os diferentes aspectos — políticas de leitura, letramento e educação, problemas da pesquisa — dos resultados da pesquisa do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf) — 2001 a respeito do alfabetismo funcional de jovens e adultos. No texto introdutório, a organizadora esclarece que se optou nessa pesquisa por uma nova abordagem sobre alfabetização, leitura e escrita, “[...] a partir da qual se cunhou o termo *letramento* [e que] procura compreender a leitura e a escrita como práticas sociais complexas, desvendando sua diversidade, suas dimensões políticas e implicações ideológicas”. Dado o desconhecimento do termo “letramento” por parte da população envolvida na pesquisa, utilizou-se “alfabetismo”. No entanto, em vários artigos do livro, os autores utilizaram o termo

53 RIBEIRO, Vera Masagão. *Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos*. Campinas: Papirus; São Paulo: Ação Educativa, 1999. p. 16.

“letramento” em referência a “[...] práticas de leitura e escrita, à presença da linguagem escrita na cultura, à relação desse fenômeno com a escolarização”.⁵⁴

Um conceito plural, uma síntese possível

Como podemos verificar, vem aumentando a produção acadêmica brasileira sobre o tema do letramento, buscando-se contemplar e explorar diferentes aspectos e problemas envolvidos no estudo do fenômeno, de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, especialmente no âmbito das ciências da educação e das ciências linguísticas. O aumento dessa produção tem também evidenciado que, ao lado da diversidade de aspectos e abordagens, vem-se acumulando significativo conhecimento sobre o tema, que tende a ir-se constituindo como um corpo teórico e conceitual mínimo de referências comuns e intercambiáveis, que vêm, por sua vez, “formando opinião” dos interessados.

Acrescentando-se a esses significados os apresentados nos capítulos anteriores, evidencia-se, mais uma vez, a variedade e complexidade de aspectos e de problemas envolvidos, assim como a diversidade de perspectivas de análise do fenômeno do letramento.

Tais características obrigam a considerar a pluralidade do conceito de letramento, a fim de evitar a diluição das diferenças por meio de fórmulas simplificadoras que visem à fixidez e homogeneização do que é ainda provisório e heterogêneo, como fenômeno e como conheci-

54 RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: _____ (Org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do Inaf 2001*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2003. p. 9-29, 12. Grifos da autora.

mento em construção neste momento histórico. Talvez seja possível, e mesmo necessário, procurar conhecer, entre as diferenças e as semelhanças, os aspectos comuns presentes nas definições e considerações apresentadas acima. Obviamente, sobretudo as inúmeras diferenças existentes entre os autores e textos mencionados merecem um estudo detalhado, mas a tentativa de síntese aqui apresentada tem finalidades apenas didáticas, mais compatíveis com os objetivos deste livro.

Os principais aspectos comuns a essas definições e considerações podem então ser assim sintetizados:

- tendência de predomínio da palavra “letramento”, por vezes acompanhada ou substituída por “alfabetismo”, para designar o novo fenômeno; mas ainda não se abandonou o termo “alfabetização”;
- relação entre o novo sentido de “letramento”/“alfabetismo” (e seus correlatos “letrado” e “iletrado”) e os já conhecidos sentidos de “alfabetização” e “analfabetismo” (e seus correlatos “alfabetizado” e “analfabeto”); nessa relação, toma-se recorrentemente a alfabetização como referência direta ou indireta para a definição de letramento, seja para se ampliarem e precisarem significados, seja para se contraporem ou se acrescentarem novos significados aos já existentes;
- relação entre letramento, no sentido estrito em que vem sendo aqui abordado, e cultura escrita, sociedade letrada, língua escrita (leitura e escrita), enfocando-se as dimensões individual e social e os eventos e práticas de letramento;
- caracterização das dimensões individual e social do letramento e correspondentes modelos teóricos de análise, envolvendo ora as práticas sociais, ora as competên-

- cias individuais, ora o estado ou condição de indivíduos ou grupos sociais, ora os eventos relacionados com seu uso, ora seus efeitos sobre indivíduos ou grupos sociais;
- relação entre letramento, alfabetização, escolarização e educação, seja também para se ampliarem e precisarem significados, seja para se contraporem ou se acrescentarem novos significados aos já existentes;
 - relação entre letramento, avaliação e medição do analfabetismo e propostas de práticas pedagógicas e políticas públicas para a educação de crianças e de jovens e adultos;
 - embora com diferentes objetivos, fundamentação das definições e considerações em certos princípios e pressupostos teóricos e certos instrumentais para análise do letramento contidos, predominantemente, em determinada bibliografia americana e inglesa datada das duas últimas décadas; dentre esses autores os mais citados nos textos acadêmicos acima apresentados (alguns deles também são citados no *Dicionário de alfabetização* e um deles nos PCNs) são: David R. Olson, Jack Goody, Shirley Heath, Sylvia Scribner e Michel Cole, Walter J. Ong.; e
 - ao lado dessa bibliografia estrangeira predominante, vem-se acrescentando, como já aponte, a bibliografia brasileira apresentada anteriormente, em que os autores citam-se entre si.